

A INTERPRETAÇÃO D'OS SERTÕES, ONTEM E HOJE

Patrícia Cardoso Borges
Mestranda - UERJ

Há cem anos era publicado o livro que entusiasmava e intrigava toda uma geração. Euclides da Cunha publica *Os Sertões* depois de por cinco anos ter sido o correspondente do *Estado de São Paulo* na guerra de Canudos.

Nossa intenção é entender e analisar a primeira recepção crítica d' *Os Sertões*, assim como a recepção mais recente, ou seja, a dos últimos anos do século XX e as primeiras do século XXI.

Como o livro de Euclides foi recebido? Como o leram?

A primeira crítica publicada foi de José Veríssimo, em 03/12/1902 no *Correio da Manhã*. Em sua crítica, Veríssimo não mede elogios a Euclides, considerando seu livro ao mesmo tempo "(...) o livro de um homem de ciência, um geógrafo, de um homem de pensamento, um etnógrafo, um filósofo, um sociólogo, um historiador, e de um homem de sentimento, (...)". Ou seja, Euclides foi elogiado pelos seus conhecimentos, apresentados no livro, sobre o solo brasileiro, sobre a raça sertaneja — o mestiço brasileiro —, sobre a história brasileira. Além de tudo, Euclides era um "homem de sentimento", tocou o fundo d'alma de seus leitores, os emocionando com sua história.

Portanto, se Euclides dependesse de seu aval a obra mereceria glórias, com apenas uma ressalva:

“Pena é que conhecendo a língua, (...) tenha o Sr. Euclides da Cunha viciado seu estilo, já pessoal e próprio, não obstante de um primeiro livro, sobrecarregado a sua linguagem de termos técnicos, de um boleio de frase como quer que seja arrevesado, de arcaísmos e sobretudo de neologismos, de expressões obsoletas ou raras (...) Mas este defeito é de quase todos os nossos cientistas que fazem literatura (...)” (Correio da Manhã, 3 dez. 1902)¹

¹ VERÍSSIMO, José. *Correio da Manhã*. In: *Cadernos do Centro de Estudos Virginia Cortes de Lacerda*. Vol. 1, nº 1, 1995/1996, p. 19.

Ressalva esta que foi imediatamente respondida por Euclides no dia seguinte à sua publicação. Pois para o autor o discurso literário e o discurso científico poderiam e deveriam coexistir na mesma obra. Euclides acredita no “(...) consórcio da ciência e da arte, sob qualquer de seus aspectos, [...] hoje a tendência mais elevada do pensamento humano.”² Porém, Euclides pretendeu que sua obra fosse alicerçada em bases científicas, não restando à literatura senão o papel de ornamento. E para a primeira recepção o discurso eloquente e retórico conferia ao texto o aspecto literário.

Podemos dizer que Veríssimo foi o paradigma das próximas críticas d'*Os Sertões*, pois este foi bem recebido por críticos renomados na época, como Coelho Neto, Araripe Júnior e Sílvio Romero. Para os críticos o livro de Euclides é uma obra-prima, um exemplo de páginas verdadeiras, empolgantes, um exemplo de nacionalidade. Assim, a primeira crítica busca como critério o caráter estético do texto e sua funcionalidade como documento.

Para o juízo crítico da época em questão Euclides correspondeu às expectativas de um grande escritor nacional. Ou seja, em seu texto é possível perceber o conhecimento e a preocupação em entender a terra, o homem, a psicologia das massas, o homem na sociedade, as raças, enfim, todos os requisitos que um texto deveria ter para ser o construtor de uma nacionalidade.

Explicável, pois, é o posicionamento da primeira crítica euclidiana, já que, com a legitimação da História como ciência moderna e a adesão ao projeto nacionalista, a História da Literatura conquistara o século XIX. No empenho em pretender-se ciência, a História da Literatura acolhe saberes de outras áreas, como a psicologia, a sociologia, a filologia etc. Cada nação se distinguiria por particularidades físico-geográficas, culturais, étnicas etc., “funcionando [a literatura] à maneira de um espelho em que o espírito nacional pode mirar-se

² GALVÃO, W. N. E GALOTTI, O. (org.) *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: Edusp, 1997, p. 143

e reconhecer-se.”³. *Os Sertões* foram, assim, um prato cheio para a crítica da época, pois Euclides conseguiu reunir todas essas características identificadoras de uma nação em um só texto.

A descrição, tanto do homem como da terra, e o sentimento de “páginas empolgantes” foram a base dos critérios necessários para que um livro pudesse ser bem aceito pela crítica.

A leitura *d’Os Sertões* é um conhecimento e um reconhecimento da nossa terra e do homem sertanejo, da raça, ou melhor, do mestiço brasileiro. O cuidado de Euclides em documentar, e a sua preocupação em mencionar suas fontes deram credibilidade à sua obra, mesmo que tais interpretações pudessem vir a ser errôneas. A emoção causada pelo texto, também critério de aceitação crítica, pode ser explicada como uma identificação, mesmo que tardia — já que a guerra tinha acontecido havia cinco anos — com os heróis vencidos, fortes na dignidade e na coragem, assim como os brasileiros em geral. Euclides foi o responsável por causar tal emoção nos leitores da época por relatar um fato cruel e verdadeiro numa linguagem bem articulada e eloqüente.

#

Com o passar dos anos, a crítica tomou outros rumos ? Como se lêem, hoje, *Os Sertões*?

Para Silviano Santiago, Euclides, em um primeiro momento, pela influência do meio em que vivia e motivado pelos instrumentos que de dispunha na época, acreditava e apelava para a República. Entretanto, a partir do momento em que presencia a realidade de Canudos de perto, percebe-se uma reviravolta em seu discurso, opinião, inclusive, corroborada por Walnice Galvão: “Assume plenamente a defesa dos jagunços, fazendo a crítica do mundo

³ SOUZA, Roberto Acízelo de. *A Idéia de História da Literatura: constituição e crises*. Rio de Janeiro [s.d], p. 06.

intelectual e da classe dirigente de então, como também a sua autocrítica, a partir do lugar dos vencidos.”⁴

Para Silviano, essa reviravolta não quer dizer que Euclides passou do lado dos republicanos para o lado dos monarquistas, quer dizer que voltou seus olhos para a rebelião, perdendo, por um lado, a certeza da ciência ocidental, e ganhando, por outro lado, a certeza da reflexão do lado dos vencidos. Desse modo, Euclides passa a enxergar nestes "uma verdade que escapa às diretrizes excludentes da modernização.”⁵

Seria, então, o texto de Euclides dedicado aos excluídos. Assim, para Silviano, Euclides procurou um discurso conciliador do ponto de vista crítico entre as "diretrizes modernizadoras da República com os segmentos mais desprivilegiados da nação”.⁶

Euclides assume a defesa dos jagunços e tem-se aí uma reviravolta ou uma procura de conciliação?

Para o crítico em questão, Euclides foi duplamente corajoso: politicamente, por ter denunciado a covardia em Canudos, e intelectualmente, por ter colocado em questão a segurança e a certeza do pensamento da sua época.

Resta saber se a segurança e a certeza foram postos em questão por conta da reviravolta ou do discurso conciliador.

#

Walnice, assim como Silviano, também acredita na mudança de Euclides. Para a crítica há uma diferença entre o narrador do *Diário de uma Expedição* e o narrador de *Os Sertões*. Para Walnice foi necessário que o escritor estivesse em Canudos "para reformular suas idéias e escrever o verdadeiro libelo que constitui seu livro”⁷

⁴ SANTIAGO, Silviano. “Fechado para balanço”, in: *O livro do Seminário* (org. Domício Proença Filho). São Paulo: LR Editores, 1982, p. 99.

⁵ Idem, Ibidem, p. 100

⁶ Idem, Ibidem, p. 99

⁷ GALVÃO, Walnice Nogueira. *Saco de gatos*. São Paulo: Duas Cidades, 1976, p. 67

Para a crítica, o processo de mudança de Euclides já pode ser sentido no *Diário de uma Expedição*, para ser mais preciso na correspondência do dia 16/08. Nesta, segundo a autora, Euclides começa a questionar sobre a razão que preside a resistência dos jagunços. Na dúvida Euclides, então, apresenta o “perfil de um homem honesto, que quer descobrir a verdade, mesmo que ela lhe doa e lhe custe o duro preço de suas ilusões (...)”⁸

E sua certeza se dá na última correspondência, em que pode ser percebida uma atitude reflexiva e reticente, na qual fica mais evidente a preocupação de Euclides com o destino dos jagunços dizimados em Canudos. Para Walnice, assim, *Os Sertões* têm caráter de denúncia e de oposição aos poderes constituídos.

#

Várias são as contradições encontradas na obra de Euclides, sejam por falhas em seus fundamentos teóricos, sejam de base ideológicas.

As fundamentações apresentam-se fracas através dos impasses que acontecem à medida que Euclides se mantém fiel ao discurso científico. O nacionalismo euclidiano é baseado em frágeis alicerces. Entretanto, para a primeira recepção de Euclides, apenas as descrições são suficientes para legitimar seu discurso nacionalista.

Por que frágeis alicerces? Porque acreditar, por exemplo, que o tempo serviria de **cura** para que o **sertanejo retrógrado** — **favorecido pelo isolamento geográfico** — pudesse se tornar a **raça forte**, o cerne da nacionalidade, contradiz o discurso científico.⁹ Euclides nos prova a existência de dois tipos de mestiços: um retrógrado e outro degenerado, porém não conseguiu o respaldo científico para explicar o “cerne da nacionalidade”. Pois, se todos estavam predestinados a desaparecer devido à “força motriz da história”, o crime de Canudos

⁸ Idem, Ibidem, p. 71

⁹ Para maior aprofundamento v. COSTA LIMA, Luiz. *Terra Ignota. A construção de Os Sertões*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997, cap. II, V e VI.

somente teria apressado o que o destino aos sertanejos guardava. Entretanto, o crime se torna mais violento à medida que o alvo era o representante da “rocha-viva da nacionalidade”.

E quanto à guerra? O que esperar (e como explicar) de uma luta entre um grupo de mestiços retrógrados liderados por um psicótico com um outro grupo de mestiços degenerados liderados por um desequilibrado? A longa duração da luta, vencida três vezes pelos “mestiços retrógrados”, prova sua vantagem, já que os mestiços “proteiformes” estavam infectados pelos sucessivos cruzamentos. Apesar de tudo, Euclides insiste em absolutizar a ciência.

Se a vitória final é dos “mestiços degenerados”, isto não é prova de que o avanço tecnológico foi capaz de influir nas possibilidades etnicamente definidas ?

Percebe-se outro tipo de contradição. Apesar de Euclides parecer defender os sertanejos, e optar por defendê-los denunciando o crime cometido em Canudos, nos deparamos com passagens que demonstram outra posição. Por exemplo, quando Euclides se refere aos sertanejos os chama de “rebeldes”, “inimigos”, “fanáticos”, “gente estranha”, “bárbaro inimigo” e adversários”, enquanto que ao se referir ao exército utiliza expressões como “nossa vitória”, “nossos soldados” e “nossas baixas”. Tais exemplos são notados tanto no *Diário de uma Expedição* como n’ *Os Sertões*, e neste último eles podem ser confirmados do início ao fim. Euclides, assim, não deixou de ser o homem civilizado e republicano.

#

Euclides é uma testemunha que narra sobre a guerra em Canudos cinco anos depois do fato ocorrido. Ao selecionar os fatos para produzir seu texto foi necessário combinar suas lembranças e suas anotações em sua caderneta de campo feitas no momento da guerra. Partiremos do princípio de que a verdade “objetiva”, assim como queria Euclides, não é e nem poderia ser única.

Segundo Todorov¹⁰ o historiador pode trabalhar com dois tipos de verdade: a verdade de adequação — aquela em que são relatados locais e datas, verdade necessária para o estabelecimento dos fatos; e a verdade de elucidação — aquela que é **interpretada** pelo enunciador, ou seja, necessária para a construção do sentido. A verdade de elucidação, ou seja, a verdade interpretada, é a responsável pela parcela de subjetividade no discurso do escritor, o que não quer dizer que esse discurso seja inventado ou ficcionalizado. Os dois tipos de verdade se completam, pois o escritor dá sentido ao que diz através de suas pesquisas e lembranças.

O relato de testemunho trabalha com os dois tipos de verdades, e seu interesse é relatar aquilo que testemunhou e dar a sua impressão dos fatos, consciente ou inconscientemente. O que não quer dizer de maneira nenhuma que a parcela de subjetividade no discurso do autor, causada por suas interpretações, dê ao texto um caráter ficcional. A memória e suas anotações são seus aliados nessa produção. Segundo Todorov, “(...) se for apagada toda fronteira entre discurso verídico e discurso de ficção, a História não tem mais razão de ser.”¹¹

Euclides tentou fincar seu discurso nas raízes da ciência, procurou relatar a verdade, a sua verdade, com o máximo de objetividade possível; porém, ao chegar a Canudos e tornar-se a testemunha ocular dos fatos, Euclides sem perceber questiona suas verdades, mas não as encara. O que podemos perceber é que Euclides tentou impor a sua verdade, mas suas lembranças o impediram. Por que as lembranças? Porque somente cinco anos depois foi possível perceber que suas indagações o incomodavam, mas mesmo assim Euclides não as encarava, fato de que são indícios expressões como as seguintes: “Sejamos simples copistas”; “Deixemos de divagações.”¹², assim como suas reticências ao final de cada período em que tenta refletir sobre elas. Não encontramos esses exemplos de fuga no *Diário de uma Expedição*.

¹⁰ TODOROV, Tzvetan. *Memória do mal, tentação do bem*. São Paulo: Arx, 2002.

¹¹ Idem, Ibidem, p. 152.

¹² CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. [1902]. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Euclides não quis escrever nem a história de vilões nem de heróis. Apesar de republicano e homem civilizado, não conseguiu ficar indiferente à covardia cometida no sertão. Mesmo que sua razão o tivesse levado para um lado, sua memória o levou para o lado oposto. Por esta razão sua obra parece contraditória. Através das lembranças que escapam à sua memória, podemos perceber tais indagações, que permitem as contradições.

Afrânio Peixoto define bem o que acontece com Euclides: “(...) é apenas um livro que conta o efeito dos sertões sobre a alma de Euclides da Cunha.” (*O Estado de São Paulo*, 15 ago. 1911)¹³

Euclides relata o que viu e nos dá a sua interpretação; é a sua verdade de elucidação. Ele descreve a terra, assim como suas impressões, e segue nesse paradigma com o homem e a luta. Precisa tanto das anotações em sua caderneta quanto de suas lembranças. Não importa se Euclides ficou pouco ou muito tempo em Canudos: o que presenciou foi suficiente para colocá-lo em uma situação de extremo limite, já que estava no meio da guerra, vivendo toda a tensão que o momento permite. “(...) não poderei prolongar-me mais hoje. Acaba de recrudescer o tiroteio e o assobio das balas ressoa sobre todos nós lembrando uma ventania furiosa.”¹⁴

As lembranças de Euclides, ou suas diferentes formas de lembrar da guerra, não estiveram a serviço do bem ou do mal, mesmo porque ele não tomou partido, não nomeou uns carrascos ou agressores e outros pobres excluídos. Não podemos esquecer que tanto para protagonistas quanto para antagonistas, tanto para vencidos quanto para vencedores, tanto para bons quanto para maus, os sertanejos foram sempre os excluídos. Euclides não toma partido, mas nem por isso a sua narrativa apresenta um texto isento. Pelo contrário, ora parece

¹³ “PEIXOTO, Afrânio. *O Estado de São Paulo* In: *Cadernos do Centro de Estudos Virginia Cortes de Lacerda*. Vol. 1, nº 1, 1995/1996, p. 19.

¹⁴ GALVÃO, Walnice Nogueira (org.) *Diário de uma expedição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

defender um lado, ora o ataca, ora defende outro lado, ora o ataca. No capítulo “A dinamite”, na parte III do livro, temos um exemplo de que Euclides não toma nenhum partido, pois podemos ler o capítulo sem entender ao certo o que ele defende.

#

Seu relato de testemunho poderia levá-lo a uma narrativa de um historiador ou de uma testemunha. Esta convoca suas lembranças para dar forma ao seu discurso; aquele procura como princípio a verdade impessoal. Porém, “nos últimos tempos essa verdade tem sido questionada pelas inevitáveis intervenções do sujeito que investiga.”¹⁵

Euclides utilizou os dois tipos de discurso, pois procurou a objetividade do historiador, mas sua memória refletiu a subjetividade da testemunha. Essa subjetividade somente é percebida nos deslizes de seu discurso, ou seja, quando questiona, indaga, interpreta.

Euclides tem as suas verdades, acredita na verdade da ciência, mas ela não foi capaz de explicar a força dos sertanejos, a sua dignidade na hora da luta e da morte, enfim, a sua resistência em defender a terra: “E quando afinal, jugulados, eram conduzidos à presença dos chefes militares, iam conformados ao destino deplorável. Revestiam-se de serenidade **estranha** e uniforme, **inexplicável** entre lutadores de tão variados matizes, (...) variando díspares, na índole e na cor.”¹⁶

#

Aquilo com que Euclides não contava era que suas crenças não coincidissem com o que presenciava, pois algo mais do que objetivo e passível de explicação científica acontecia no sertão. Euclides não conseguia entender e muito menos explicar; por isso, quando as lembranças afloram, não as encara, ou porque não as percebe de fato ou porque estaria com isso pondo em ruínas toda sua bagagem intelectual: “E estas cousas não impressionavam...”¹⁷;

¹⁵ TODOROV, Tzvetan. *Memória do mal, tentação do bem*. São Paulo: Arx, 2002, p.152

¹⁶ CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. [1902]. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 543.

¹⁷ Idem, Ibidem, p. 545.

“Mas que entre os deslumbramentos do futuro caia, implacável e revolta; sem altitude, porque a deprime o assunto; brutalmente violenta, porque é um grito de protesto; sombria, porque reflete uma nódoa — esta página sem brilhos...”¹⁸

#

Entretanto, os críticos do final do século passado o lêem como discurso da *mea culpa*, isto é, uma maneira de “corrigir” o mal ocorrido em Canudos, denunciando-o. Romanceá-lo também é um dos caminhos escolhidos. Fazer d’*Os Sertões* romance é transportar a covardia real cometida em Canudos para o mundo da verossimilhança, preocupado com a aparência da verdade. Vale lembrar, contudo, que Euclides estava preocupado com a verdade dos fatos.

#

Não podemos sacralizar o passado nem ficar presos às leituras ou paradigmas do início do século, senão ficaremos impedidos de compreender sua obra.

As pessoas, em geral, e os leitores, mais especificamente, precisam polarizar o universo das narrativas, ou seja, colocar de um lado o bom e do outro o mal; o herói e o vilão; o certo e o errado; a verdade e a mentira. Do mesmo modo, precisam lhes dar um caráter finito, ou seja, uma história com início, meio e fim.

Percebe-se nas críticas que a tentativa de dar um lado, um pólo para que Euclides se posicione, é muito grande, assim como ficcionalizar uma história de covardia é um meio de tomar posição.

A leitura feita pelos críticos torna-se, então, contraditória, pelo simples fato de desejarem eles que o texto euclidiano tome uma posição. Desse modo, a contradição de Euclides não é compreendida, mas continuada.

#

¹⁸ Idem, Ibidem, p. 548.

Tornar herói o vencido, o excluído é uma característica moderna. Todorov aborda essa questão em relação à Europa, mas fica evidente que aqui não é diferente. A identificação faz com que criemos os nossos heróis.

A verdade traumática é reconstituída, nunca fielmente relatada. Ela permanece silenciosa, muito mais em Euclides, que pretendeu se manter fiel às suas verdades.

A propósito disso, cabe a pergunta: Euclides escreve *Os Sertões* em nome da memória para impedir que tal fato aconteça novamente, ou para não esquecer?

#

Pode ser que Euclides não tivesse encarado suas interpretações pelo fato de estar preso a formas culturais, já que era republicano, positivista e acreditava na ciência européia; portanto, seu universo cultural não permitiu que suas interpretações ou indagações as colocassem em ruínas.

Ele se depara com situações opostas às suas verdades. Euclides não conseguiu manter-se fiel às suas idéias. As contradições acontecem justamente porque ele não encara essa “infidelidade” de frente.

#

O que podemos tirar de comum e de divergente entre as leituras do início do século e a leitura atual?

A primeira, do início do século, precisava legitimar a nacionalidade, e por isso pressupunha que os textos deveriam conter marcas que exprimissem a diferença da cultura brasileira.

A segunda recepção analisada procurou na pena do escritor um herói e um vilão. Leu-se o texto euclidiano como denúncia de uma covardia cometida em solo brasileiro. Assim, o caráter da necessidade de um texto nacionalista ainda é percebido: as descrições locais para o herói vencido.

É preciso que se leiam *Os Sertões* além dos olhos de Euclides; enxergar seus tropeços é mostrar que ele tentou fazer mais do que podia. Podemos com seu texto entender melhor suas tentativas e suas limitações (suas e do seu tempo).

Um relato de testemunho — mesmo que contraditório — nos faz pensar o passado para entender o presente. No caso de Euclides, entender o presente depende de cada leitor, desde que nos desprendamos dos paradigmas do passado e possamos nos permitir aprender com os nossos erros e tropeços.

#

Em *Diário de uma Expedição* Euclides é um observador que narra a situação do ponto de vista do exército. A sua preocupação com a resistência dos sertanejos é simplesmente pelo fato de a guerra se estender e o exército ter o número de baixas aumentado. O seu desejo é que a guerra acabe o mais rápido possível, já que a vitória é inevitável e certa: “Os jagunços continuam inamalgáveis, na resistência. Tivemos ontem cerca de 50 baixas e as de hoje não serão menores...”¹⁹; “(...) há três dias acreditei que os nossos antagonistas não poderiam resistir três horas...”²⁰; “Realmente alguma coisa de anormal passava-se em frente, no arraial; e os corações começavam já a bater febrilmente ante a quase evidência da vitória longamente esperada (...) Incompreensível e bárbaro inimigo!”²¹

N’*Os Sertões* Euclides também é um observador, mas não só se preocupa com a resistência, como também a questiona, tentando entendê-la.

No capítulo II da parte “O Homem” temos um exemplo de que Euclides não pretendia aprofundar o que sua imaginação começava a indagar: “Se nos embaraçássemos nas

¹⁹ GALVÃO, Walnice Nogueira. (org.) *Diário de uma expedição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 190.

²⁰ Idem, Ibidem, p. 196.

²¹ Idem, Ibidem, p. 199.

imaginosas linhas dessa espécie de topografia psíquica, de que tanto se tem abusado, talvez não os compreendêssemos melhor. Sejam simples copistas.”²²

Talvez, se Euclides tivesse, desde então, encarado e aprofundado a questão da mestiçagem, do entendimento do outro, poderia ter obtido respostas às suas questões que o perseguiram do início ao fim do livro.

No *Diário de uma Expedição* Euclides mostra que reconhece algo de estranho na coragem dos sertanejos — “nossos rudes patrícios transviados” —, e que, ao conquistar a bela vitória, sua “conquista real consistirá no incorporá-los, amanhã, em breve, definitivamente, à nossa existência política”²³ Ou seja, Euclides não aceita o outro, quer transformá-lo. Sua intenção era que todos pertencessem à mesma cultura, aos mesmos ideais.

Essa impossibilidade de entender ou de querer entender o outro, seja de outra cultura, de outra região, de outra religião, de outras crenças, enfim, essa impossibilidade de estar aberto às diferenças fez do texto euclidiano um mar de contradições.

N’*Os Sertões*, Euclides não nos permite conhecer de fato os seus pensamentos, mas somente chegar à conclusão de que em sua narrativa há vestígios de indagações com as quais o autor se depara, indagações que o incomodam e que não são percebidas no *Diário de uma Expedição*.

Essas indagações começam a incomodá-lo a partir do momento em que precisa recorrer à memória para escrever sua narrativa. Assim como o escritor precisa selecionar o que irá escrever ou não, também a memória seleciona os fatos a serem lembrados ou esquecidos. Dessa forma Euclides, querendo ou não, se depara com suas indagações; questioná-las é uma opção, tomada consciente ou inconscientemente por Euclides.

#

²² CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. [1902]. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 118.

²³ GALVÃO, Walnice Nogueira. (org.) *Diário de uma expedição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 208.

Até o final da narrativa Euclides continua sem entender a resistência dos sertanejos, assim também como não entende a covardia cometida pelo exército. Ao longo das 584 páginas do livro ele desconhece o “inimigo” mas quer acabar com ele, ou seja, quer vencer a guerra, e acredita que ela é necessária. Entretanto, algo de no mínimo curioso acontece na guerra, pois o que era previsível — a vitória rápida do exército — torna-se incerto, já que os sertanejos resistem de forma admirável.

Nos últimos dias da guerra Euclides se depara com os “inimigos”, com os prisioneiros que se entregaram. Ao presenciá-los sente-se envergonhado em vencer uma batalha onde os adversários são — nada mais, nada menos — um bando de “caqueirada humana”. A quem estavam matando? O que espantava era sua integridade, pois, apesar de fracos, sujos e famintos, andavam de cabeça erguida. Mas não deixavam de ser mestiços e estranhos.

O livro de Euclides se torna, então, mesmo que contraditório, uma maneira de atentarmos para a diferença, tema não fortuitamente importante para repensarmos o que acontece nos dias atuais.